



## Cotas Raciais – Radiojornalismo<sup>1</sup>

Tomas Edson Silveira Rodrigues<sup>2</sup>  
Lisete Ghiggi<sup>3</sup>  
Centro Universitário Metodista IPA

### RESUMO

O trabalho consiste na produção de um debate sobre as cotas raciais para ingresso em instituição pública de ensino superior. A realização do debate teve como objetivo colocar em prática a teoria que orienta e fundamenta a importância do debate, como um gênero radiojornalístico capaz de auxiliar na formação de opinião dos ouvintes. A escolha do tema levou em conta sua atualidade e a grande polêmica surgida nos meios de comunicação quando da adoção de tal sistema pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Rádio; Racismo; Debate; Radiojornalismo

### INTRODUÇÃO

O debate é um gênero do radiojornalismo utilizado para discussão de temas polêmicos. O jornalista atua como mediador, apresentando o tema, apresentando e justificando a presença dos participantes, lançando os temas a serem discutidos e, ao final, apresentando uma síntese do debate. Pela sua natureza, devem ser escolhidos participantes com posições antagônicas.

Participaram do debate os seguintes estudantes de graduação: Eveline Teixeira de Bastos (mediadora); Betina Mello e Amanda Fernandes (contrárias às cotas); Danielli Pitta e Tomas Edson Silveira Rodrigues (favoráveis às cotas).

### DEBATE

Dado início ao debate, cada um dos participantes explanou sua opinião e foram rebatidos os argumentos de ambos os lados. Os principais argumentos giram em torno do preconceito

---

<sup>1</sup>Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Radiojornal (avulso).

<sup>2</sup>Aluno de graduação do Curso de Comunicação Social com ênfase em Gestão da Comunicação/Jornalismo, atualmente cursando o 4º semestre. E-mail: tomas\_edson2003@yahoo.com.br.

<sup>3</sup>Professora orientadora da disciplina de Radiojornalismo, do 3º semestre do curso de Comunicação Social com ênfase em Gestão da Comunicação/Jornalismo, email: lis@cpovo.net.



em razão da cor, a ineficácia do sistema para a melhoria da situação dos negros, e da questão social das cotas. A seguir, passa-se aos resumos da opinião de cada um dos participantes do debate.

Amanda Fernandes questiona a possibilidade de as cotas aumentarem a diferenciação entre negros e brancos. Não acha que negros são discriminados. Exemplifica que quando decidiu cursar o ensino superior ouviu comentários de que as coisas seriam mais fáceis, pois é negra e entraria na universidade por cotas. Acha que a sociedade pensa que para o negro os caminhos estão mais abertos, o que não é verdade; os negros têm que estudar e prestar vestibular, deve haver competição igualitária para todos.

Betina Mello é contrária às cotas por pensar que a cor da pele não define a capacidade da pessoa. Apresenta uma estatística em que o percentual de negros, pardos e brancos analfabetos está em níveis parecidos. Afirma que a reserva de vagas faz com que haja competição somente entre os negros, o que acabaria inferiorizando-os, pois teoricamente eles não teriam capacidade de concorrer à mesma vaga de um branco.

Quanto à questão econômica, questiona como um branco que reside em uma favela teria acesso às universidades, pois não teve condições de estudo. É favorável às cotas para estudantes de baixa renda provenientes de escolas públicas, já que a grande maioria das crianças e jovens estuda em escolas públicas, que não preparam suficientemente bem para o vestibular e o mercado de trabalho.

Afirma que os negros podem, assim como os brancos, buscar estudar para serem aprovados no vestibular de uma universidade pública. Um exemplo de negro que buscou e teve acesso à universidade é o participante Tomas, que cursa o ensino superior e possui bolsa de estudos por ser funcionário da instituição.

Sustenta, ainda, que mesmo que haja cotas em universidades, há a possibilidade de o negro possuir o diploma e não ser admitido em um emprego pelo fato de ser negro. A existência das cotas não diminui o preconceito, portanto.

Faz uma comparação, utilizando a informação da existência de uma lei que obriga empresas a admitirem 20% de funcionários negros, assim como são obrigadas a admitirem deficientes. Dessa forma, questiona se a política de cotas não estaria equiparando os negros a deficientes.

Betina ainda ressalta o fato de os Estados Unidos possuírem um presidente negro, o que demonstra a igualdade entre negros e brancos, mais uma vez defendendo a opinião de que a questão não é racial, é de renda, oportunidade e poder aquisitivo.



Danielli Pitta considera uma hipocrisia ignorar o que a história demarcou. Divide o assunto em dois aspectos distintos: ensino e racismo. No ensino, a questão é inclusão de menos favorecidos no ensino superior. Quanto ao racismo, afirma que se vive em um contexto que minimiza o negro. Convida o ouvinte a pensar se negro não é segregado, se não existe preconceito. Incita, ainda, o ouvinte a buscar em sua árvore genealógica e ver se não se sentiria afrontado ao descobrir que possui negros em sua ascendência. Para ela, o preconceito é um fato, e as cotas são medidas paliativas para contorná-lo, e é hipócrita pensar que cotas vão acabar com o preconceito.

Apresenta um exemplo de preconceito, quando concorreu a uma vaga de emprego. A pré-seleção dos candidatos foi feita através do preenchimento de um cadastro em um sítio da internet e envio de currículo sem foto. Foi chamada pelo diretor da empresa porque havia sido admitida, precisaria tratar da parte burocrática da contratação. No entanto, ao sentar à mesa com o diretor, este lhe informou que houve um engano e que ela não possuía o perfil para a vaga a que estava concorrendo.

Danielli acha que as cotas não são a solução, mas que são um elemento que minimiza as diferenças sociais. Afirma categoricamente que aqueles que pensam que cotas devem ser implantadas levando em conta aspecto econômico têm o preconceito intrínseco e não percebem isso por terem sido acostumados a pensar que não existe preconceito.

Cotas não impedem a reflexão profunda, histórica e social da inclusão de outros desfavorecidos, porque o preconceito não existe só para os negros. No que diz respeito ao negro, é necessário ir além de achar que o negro é subestimado. A política de cotas é um recurso que está sendo usado como elemento de auxílio e que pode ser agregado a outros desfavorecidos. Mas, no que tange ao preconceito racial, que é histórico, que é sabido e muitas vezes velado, acredita piamente que pessoas que se posicionam contra as cotas têm arraigado o preconceito, mas estão acostumados a não serem convidados a refletir sobre sua posição.

Tomas Edson é favorável às cotas por considerar o fato de que os negros recebem menos acesso a bons salários, educação, saúde e outros serviços públicos. O ensino público está defasado e sua melhora é uma promessa nunca cumprida. Também falta vontade aos professores, pois recebem salários incompatíveis com a profissão. A política de cotas é um passo a mais para facilitar o acesso de negros ao ensino superior. Aponta a estatística de que quase 50% da população miserável é negra, e esse dado demonstra a dificuldade de um negro poder se dedicar aos estudos em quantidade suficiente para ser aprovado no



vestibular, pois precisa trabalhar e não possui tempo livre ou recursos para pagar um curso pré-vestibular.

Os negros que possuem condições de pagar por ensino fundamental e médio são uma parcela mínima. A questão do ensino superior não é social, é racial, de oportunidades. Negro não consegue se inserir, enfrenta a realidade de não ser aceito. No entanto, quem busca seu espaço, consegue. Cita seu próprio exemplo, que buscou seu espaço e teve acesso à bolsa de estudos na universidade, pois aprendeu que qualquer pessoa pode ser o que quiser, independentemente de preconceitos. Cotas são necessárias para que as pessoas possam se sentir valorizadas e saberem que podem ser o que quiserem.

Nem todos conseguem a bolsa de estudos ou o emprego que favoreceu seu acesso à universidade, foi difícil chegar até onde está, não havia recursos para pagar por curso pré-vestibular e prestar vestibular para uma universidade pública, também não havia tempo para se dedicar aos estudos.

As cotas são importantes para deixar quem quer estudar poder alcançar seu objetivo. É favorável, inclusive, a cotas também para as minorias oriundas de movimentos sociais, deficientes, pois o Brasil é um país de preconceitos.

Afirma que é fácil ser contrário às cotas, difícil é vivenciar a realidade do negro pobre, que mora em favela. É fácil pensar que negros não são capazes, difícil é querer que um filho alcance um objetivo e não conseguir por causa do preconceito.

Houve ainda a participação do ouvinte Rodrigo Gil, que questionou se o preconceito não está ligado ao contexto histórico e cultural da sociedade. Porque não só os negros, mas também os deficientes físicos, os homossexuais, a população de baixa renda, deveriam também ter direito a uma vaga no ensino público superior. Afirma que somente o acesso a universidade não acaba com o preconceito, há que se mudar o pensamento e o raciocínio da população.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escolha do tema do debate e de participantes com posições antagônicas é essencial para que o tema ganhe o ponto e o contraponto, uma das características que mantém o ouvinte atento para promover o julgamento de sua posição ou para orientar o seu posicionamento. A discussão acerca da política de cotas raciais girou em torno de dois aspectos claros: aqueles que são contrários à política veem a necessidade de instituir a política levando em conta a condição econômica e social; aqueles favoráveis têm um posicionamento que leva em conta



a condição do negro na sociedade. Cada um dos argumentos é válido, e a discussão serviu para demonstrar que se está longe de uma unanimidade a esse respeito.

## **REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS**

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. Manual de radiojornalismo: produção, ética e Internet. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

FERRARETO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

MC LEISH, Robert. Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Notícia: um produto à venda. São Paulo: Summus, 1988.

MEDITSCH, Eduardo. O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, 2001.

PARADA, Marcelo. Rádio: 24 horas de jornalismo. São Paulo: Panda, 2000.

PRADO, Emilio. Estrutura da informação radiofônica. São Paulo: Summus, 1989

PRADO, Magali. Produção de rádio: um manual prático. Rio de Janeiro : Elsevier, 2006.

PORCHAT, Maria Elisa. Manual de Radiojornalismo: Jovem Pan. São Paulo; Ática, 2004.